

Para Volcker, País agora corrige rumo

Washington — O presidente demissionário do Banco Central dos Estados Unidos (Federal Reserve Board), Paul Volcker, afirmou ontem que o Governo do Brasil tomou medidas econômicas “construtivas” e que espera que esse País obtenha apoio internacional para seus planos e necessidades de crédito.

Falando na comissão bancária da Câmara, Volcker reiterou também seu apoio ao Plano Baker para o endividamento externo e sustentou que os Estados Unidos, como principal potência industrial e nação mais rica do mundo, tem a obrigação de ajudar financeiramente o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional e os organismos multilaterais de desenvolvimento regionais.

“Essa ajuda está em perigo”, disse ele referindo-se aos créditos dos organismos multilaterais.

Nos últimos meses, o Congresso vem relutando em expandir o financiamento para os organismos multilaterais devido ao grande déficit do orçamento federal norte-americano.

Volcker falou sobre o problema da dívida externa horas antes do ministro da Fazenda, Bresser Pereira, ter viajado aos Estados Unidos para retomar as negociações sobre a dívida de seu País, que é de 111 bilhões de dólares.

Volcker afirmou que o Brasil tomou “medidas numa direção apropriada e construtiva para enfrentar seu problema”.

“Eu esperaria que o plano (brasileiro) obtivesse apoio internacional”, afirmou o presidente do FED.

“A estratégia (de Baker sobre a dívida), apesar das tensões ainda funciona, e é importante de que continue funcionando com ajuda de todas as partes”, acrescentou Volcker.

O Plano Baker mobiliza não apenas os organismos multilaterais de crédito, e os bancos privados, mas também os esforços das próprias nações devedoras, assinalou Volcker. Lembrou porém que o plano pressu-

põe uma conjuntura internacional “razoavelmente favorável”.

“O clima econômico mundial não tem sido tão favorável como esperávamos”, reconheceu.

Volcker observou que há “inquietação entre os bancos comerciais devido ao substancial aumento das reservas para enfrentar eventuais perdas nas operações de empréstimo às nações em desenvolvimento, e salientou que os bancos agiram de forma “mais enérgica” e rápida do que ele teria gostado que fizessem.